

A incompetência do governo sob fogo cruzado

À exceção do presidente Sarney em sua conversa ao pé do rádio; o dia de ontem foi de análises coincidentemente pessimistas sobre a situação brasileira. No Rio, o sociólogo Hélio Jaguaribe advertiu que se o Brasil não contiver o câncer da degradação do setor público, não chegará ao século 21 com um Estado moderno e democrático. Em Washington, o senador Fernando Henrique Cardoso admitiu que os atuais líderes políticos não têm condições de tirar o País da crise econômica, "o que converte a democracia numa tragédia".

Mas em Brasília Sarney criticou "esta renitente criação de perspectivas desfavoráveis sobre a economia, que passou a ser quase uma histeria a serviço do pessimismo", e identificou "uma febre de crescimento que ocorre em meio aos efeitos e ameaças da inflação".

Tal febre, no entanto, não parece ter contagiado o raciocínio de Jaguaribe, que chamou o atual governo — num seminário da Seplan e da Fundação do Servidor Público — de "um dois mais incompetentes da República".

O Estado brasileiro — na qualificação do sociólogo — é insolvente, incompetente e corrupto. Com relação à primeira característica, ele lembrou que a queda na taxa líquida, da década de 70 até hoje, foi de 16% para 9% do Produto Interno Bruto; a sonegação é estimada em 3% do PIB; as empresas públicas têm elevado custo produtivo e insuficientes tarifas e preços; e o peso dos serviços das dívidas externa e interna é "intolerável", representando 40 e 25% do PIB.

A incompetência e a ineficiência, na opinião de Jaguaribe, são de ordem estrutural — pela má organização do Executivo, má distribuição ministerial das funções do Estado e falta de um sistema de

controle de resultados — e operacional, a começar pela "falta de qualificação da grande maioria dos titulares de cúpula para o desempenho de suas atribuições".

O Brasil de Sarney, no entanto, é pintado com outras tintas: "Basta dizer que em 88 registrou-se a terceira maior taxa de investimentos nos últimos dezanove anos; ela atingiu a marca de 23,18%, somente inferior à 1979, que foi de 23,35%, e à de 75, que foi de 23,33%". Segundo o presidente, "para cada número negativo, temos sempre dois ou três índices positivos, justamente o que faz o Brasil um país de contrastes".

Nesse "Brasil de contrastes", Jaguaribe cita mais um negativo — a hipertrofia dos serviços públicos, demonstrada, por exemplo, no Senado, onde existem 86 funcionários para cada senador. "Uma das conseqüências da hipertrofia é a impossibilidade de salários decentes", disse ele.

Fernando Henrique falou em uma entrevista coletiva patrocinada pela instituição privada norte-americana "Diálogo Interamericano" (também estava lá o ex-ministro da Economia da Argentina, José Maria Pastore), e opinou que "à medida que se incrementa o déficit fiscal e a dívida exterior do Brasil, aumentam as dificuldades para o processo eleitoral que deve ser concluído em novembro, com a escolha de um novo presidente".

Democracia, entretanto, não parece ser problema para Sarney. Fazendo um paralelo com o slogan desenvolvimentista do ex-presidente Juscelino Kubitschek — 50 anos em cinco — ele garantiu em seu programa de rádio que "do ponto de vista democrático, nós fizemos em quatro anos o que se faria em quarenta".